

BREVE CAUSO SOBRE LITERATURA, EDUCAÇÃO E O DISCURSO EPIDÍCTICO¹

Autor

Leonardo Vinicius de Souza Tavares²

O gênero epidíctico, conforme conceituado por Aristóteles (2011) em sua *Retórica*, ocupa-se da função de louvar ou censurar e trata de valores e qualidades morais, estéticas ou comportamentais. Diferentemente dos gêneros deliberativo e judicial, que focam no futuro e no passado, respectivamente, o epidíctico tem como foco o presente e reforça normas e expectativas sociais. No contexto de elogios e críticas, o discurso epidíctico visa provocar no auditório uma reflexão sobre valores compartilhados ao exaltar ou reprovar comportamentos e virtudes. O gênero, ao abordar o que é digno de louvor ou censura, reflete as normas, ideais e expectativas de uma sociedade e funciona como um espaço de validação ou de condenação de práticas, valores e comportamentos.

Esse gênero retórico, que Aristóteles (2011) apresenta como voltado para o “auditório particular”³, se distancia dos outros tipos de discurso da Retórica Clássica ao direcionar sua mensagem para o presente, com o objetivo de moldar a visão pública sobre determinados valores. Com isso, o discurso epidíctico não se limita a julgar o passado ou a projetar um futuro, mas se dedica a fomentar a reflexão crítica sobre os aspectos contemporâneos da sociedade. Como um elo entre a tradição retórica e a

¹ Ideia concebida originalmente pelo professor Dr. Luiz Antonio Ferreira ao longo de debates via Whats'App, no Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP e ampliada neste ensaio.

² Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Pesquisador do Grupo ERA da PUC-SP, da ECA-USP e pesquisador convidado da Faculdade de Educação da USP (Grupo de Pesquisas e Estudos em Administração Escolar). Contato: leonardovitavares@yahoo.com.br

³ Auditório particular, cunhado por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), é um conceito que visa alcançar um público mais específico, selecionado. Em contrapartida, o conceito de auditório universal traz em si uma pretensão de **verdades universais** que, em tese, não transcende conjecturas e idealidades, típicas da subjetividade humana. Os conceitos estão melhor aprofundados no texto em tela.

contemporaneidade, o discurso epidíctico continua a ter um papel significativo na formação de opiniões e na configuração de um espaço público⁴ reflexivo.

Na obra de Erasmo de Roterdã, *Elogio da Loucura*, o gênero epidíctico adquire uma forma subversiva. O título da obra revela sua estratégia retórica: louvar o que, em um contexto tradicional, seria objeto de censura — a loucura. Porém, ao inverter esse julgamento, Erasmo utiliza a loucura como um veículo crítico para expor as falácias e hipocrisias das instituições de sua época, como a Igreja e o sistema educacional, por exemplo. A loucura, portanto, deixa de ser uma força caótica ou destrutiva, para se tornar um instrumento por meio do qual Erasmo aponta as falhas do sistema estabelecido, pois questiona valores e práticas então dominantes. A crítica de Erasmo busca, em última instância, subverter as verdades aceitas e destacar como a sociedade, em sua busca por ordem e racionalidade, pode frequentemente ser irracional e incoerente.

O uso da ironia e do humor se torna central na maneira pela qual Erasmo conduz seu discurso. Ao empregar o gênero epidíctico, ele não apenas elogia a loucura em si, mas utiliza essa exaltação para desafiar as normas estabelecidas e expor as contradições entre o que é considerado virtuoso e o que, na realidade, é praticado pelas instituições de sua época. Essa abordagem subversiva da retórica epidíctica não visa uma simples crítica negativa, mas a criação de um espaço para reflexão e reavaliação da moralidade social. A ironia, nesse contexto, serve não apenas para desacreditar as figuras de autoridade, mas também para incitar um processo mais profundo de conscientização crítica sobre os valores de uma sociedade que se vê presa a convenções e normas muitas vezes inquestionadas.

Convergências e divergências com os discursos contemporâneos

No campo educacional contemporâneo, é possível observar algumas convergências e divergências com a obra do autor. Por um lado, as críticas educacionais contemporâneas frequentemente apontam para as limitações das estruturas educacionais estabelecidas, que muitas vezes perpetuam desigualdades sociais e acadêmicas. A crítica no discurso epidíctico moderno, como em Erasmo, também se volta para o que é considerado

⁴ Conceito que permeia os escritos da filósofa Hannah Arendt.

“normal” ou “aceitável” dentro do sistema educacional. Contudo, ao contrário do humor e da ironia usados pelo escritor, a retórica educacional contemporânea tende a ser mais direta e pragmática e a buscar propor soluções práticas e imediatas para os problemas identificados.

A crítica educacional contemporânea, ao invés de manter o tom irônico e questionador do autor, propõe uma abordagem mais pragmática e orientada a soluções. Ao buscar transformar o sistema educacional, ela foca na necessidade de reformas substanciais que envolvem a reestruturação de currículos, a atualização de metodologias de ensino e a criação de ambientes de aprendizagem mais inclusivos e equitativos. Esses discursos, embora críticos são muitas vezes fundamentados em uma abordagem que não apenas denuncia as falhas do sistema, mas que também oferece propostas de mudança, no intuito de melhorar as condições educacionais para uma diversidade de estudantes.

Entretanto, a transição do discurso epidíctico da reflexão para a ação (*actio*) não é isenta de desafios. No campo educacional contemporâneo, especialmente no contexto brasileiro, um dos principais obstáculos para a implementação de mudanças estruturais é o impasse político e a resistência de setores conservadores da sociedade. A crítica ao sistema educacional não raramente se esbarra em questões de poder e de política, o que dificulta a efetiva transformação das práticas educacionais. O uso do discurso epidíctico para provocar uma reflexão crítica sobre o *status quo*, portanto, não pode ser dissociado de uma compreensão das forças políticas que moldam a educação, muitas vezes em detrimento de propostas mais democráticas e inclusivas.

Além disso, o público-alvo também varia significativamente. O *Elogio da Loucura* de Erasmo foi escrito para uma audiência intelectual específica, um público restrito, composto por estudiosos e membros da elite intelectual de seu tempo. Hoje, os discursos educacionais contemporâneos buscam engajar um público mais amplo, uma vez que incluem professores, estudantes e a sociedade em geral. Em muitos casos, os discursos educacionais são disseminados por plataformas midiáticas e possibilitam um alcance mais amplo e uma maior diversidade de interlocutores. Isso implica que, para ser eficaz, o discurso epidíctico educacional contemporâneo deve adaptar suas estratégias de argumentação para alcançar diferentes grupos sociais, com diferentes níveis de compreensão e experiências.

O "Razoável" e o "Acordo" na Retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca

Perelman e Olbrechts-Tyteca, em *Tratado da Argumentação* (1996), introduzem a ideia do "auditório universal", um conceito que se contrapõe ao "auditório particular". O "auditório universal" é o ideal de uma audiência racional que, ao ouvir um discurso, seria capaz de compreender e aceitar a argumentação apresentada. Por outro lado, o "auditório particular" representa a realidade de que cada discurso é direcionado a um público específico, com diferentes valores e experiências, o que pode influenciar a forma como a mensagem é recebida e interpretada. O conceito de "auditório particular" permite que o discurso seja mais direcionado e, ao mesmo tempo, mais eficaz ao reconhecer as diferenças de recepção.

Em um contexto educacional, essa ideia implica que o discurso pedagógico deve ser adaptado para as diferentes realidades e necessidades dos estudantes e dos profissionais da educação. Cada grupo possui uma visão distinta sobre a educação, e a construção de uma argumentação pedagógica eficaz requer um entendimento dessas diferenças e um esforço para criar um "acordo" razoável entre as partes. Esse processo de busca por consenso é essencial para que os discursos pedagógicos possam ser compreendidos e, idealmente, colocados em prática de forma eficaz.

Contemporaneamente, as críticas ao sistema educacional frequentemente se baseiam no princípio do "razoável" e buscam estabelecer um terreno comum onde se possa promover a reflexão sobre a educação de forma acessível. A retórica utilizada em discursos educacionais muitas vezes visa alcançar um acordo sobre a necessidade de transformação do sistema, ao respeitar as diversas perspectivas e interesses dos diferentes públicos envolvidos. A retórica deliberativa, em sua relação com o gênero epidíctico, busca identificar soluções práticas que possam ser implementadas para melhorar o ensino, sem prescindir do respeito às limitações e desafios do contexto social e político brasileiro.

Como Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) argumentam, a retórica, ao ser dirigida a um auditório particular, deve sempre considerar a subjetividade do público, e a argumentação precisa ser construída de forma a alcançar um consenso entre as partes envolvidas. O "razoável" surge como o ponto de encontro entre as diferentes

perspectivas, sendo fundamental para o sucesso de um discurso epidíctico que busca, ao mesmo tempo, refletir e transformar a realidade social.

O papel do professor e a formação do sujeito histórico

No campo educacional, a função do docente não pode ser negligenciada. O trabalho do professor vai além da transmissão de conhecimentos; ele é um mediador ativo na formação de sujeitos históricos (Paro, 2010). O docente emérito da universidade de São Paulo, Vitor Henrique Paro enfatiza que o professor desempenha um papel fundamental na construção do sujeito histórico, ao permitir que os estudantes se reconheçam como agentes de transformação. O discurso epidíctico, nesse contexto, se entrelaça com a prática docente ao incentivar uma reflexão crítica sobre as práticas sociais, políticas e educacionais que moldam a sociedade.

A educação, em sua concepção mais ampla, é uma forma de resistência às normas e valores estabelecidos. O educador, ao utilizar o discurso epidíctico de maneira reflexiva, não apenas cumpre a função de ensinar, mas também de fomentar o pensamento crítico nos estudantes, incentivando-os a questionar e reavaliar os valores que lhes são impostos pela sociedade. Como Paro (2010) argumenta, o papel do professor vai além de simplesmente transmitir conhecimentos; ele também atua como um estimulador da reflexão e possibilita que o sujeito histórico se enxergue como parte de um processo de transformação mais amplo.

CONCLUSÃO

O gênero epidíctico, tanto na obra de Erasmo quanto nos discursos educacionais contemporâneos, continua a desempenhar um papel crucial na reflexão sobre os valores sociais e a construção de um novo entendimento sobre as práticas educativas. Embora a abordagem irônica e subversiva do autor tenha sido uma forma poderosa de questionar as instituições de sua época, a retórica educacional contemporânea busca não apenas a crítica, mas também a proposição de soluções práticas para os problemas estruturais do sistema educacional vigente.

Erasmus, em *Elogio da Loucura*, utilizou a ironia como uma ferramenta eficaz para expor as falácias e contradições da sociedade de seu tempo. Sua capacidade de inverter as convenções e louvar a loucura, que para muitos era um tema negativo e indesejável, serve como uma provocação que desafia as normas estabelecidas e força os leitores a reavaliar as instituições e as crenças aceitas. Esse uso subversivo do gênero epidíctico reflete uma crítica não apenas às práticas da Igreja ou ao sistema educacional, mas também ao modo como as ideias de racionalidade e moralidade são muitas vezes manipuladas para manter a ordem social vigente. Erasmo, ao ridicularizar as pretensões dos poderosos, lança mão da retórica para fomentar uma reflexão profunda sobre os valores que fundamentam a sociedade e as hierarquias de poder.

Por outro lado, os discursos educacionais contemporâneos, embora compartilhem com o escritor a intenção de provocar a reflexão crítica sobre as estruturas existentes, buscam um foco mais pragmático. A crítica à educação tradicional, com sua ênfase na transmissão mecânica de conhecimento, é acompanhada de propostas concretas que visam à transformação do sistema educacional. Hoje, a retórica educacional se ocupa não só da reflexão sobre os problemas, mas também de delinear alternativas que promovam a inclusão, a equidade e o pensamento crítico. Tais discursos não são apenas denunciadores das falhas do sistema, mas também engajam os diversos públicos (educadores, estudantes, famílias e sociedade) na construção de um novo modelo educacional, que promova o protagonismo dos alunos e a valorização das múltiplas formas de saber.

Nesse contexto, o gênero epidíctico assume um papel renovado, ao ser utilizado para reforçar valores como a dignidade humana, a justiça social e a liberdade de expressão, fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática. A retórica educacional atual, ao invés de se limitar à crítica, se empenha na construção de uma narrativa pedagógica que não só critique as falhas, mas que também ofereça os instrumentos e as metodologias necessárias para superar os desafios enfrentados pelas escolas brasileiras. Este processo envolve uma transformação nas relações entre professores e alunos, pois pretende alcançar uma educação que seja mais dialógica, participativa e que valorize a diversidade como um ponto central da prática pedagógica.

Por fim, ao comparar o discurso epidíctico de Erasmo com as práticas educacionais contemporâneas, observa-se que, embora as abordagens possam diferir em suas estratégias, ambas visam à construção de um espaço para a reflexão crítica sobre os valores sociais. Erasmo, ao fazer uso de uma crítica irônica e desafiadora, abre um campo para a desconstrução de narrativas hegemônicas, enquanto os discursos educacionais atuais procuram transformar essas narrativas em práticas concretas e visam uma educação que não apenas forme, mas também emancipe o sujeito. Nesse processo, a retórica se configura como uma ferramenta essencial, capaz de refletir e questionar os valores, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de um novo entendimento sobre as relações humanas e a formação do cidadão no contexto contemporâneo.

Dessa forma, o gênero epidíctico, ao longo do tempo, se mantém relevante, pois reflete os valores em jogo e atua como um meio para questionar, subverter e reconstruir os sistemas de crenças, seja em um contexto histórico específico, como o de Erasmo, ou nas práticas educativas atuais que almejam criar uma sociedade mais justa e consciente. Ao integrar crítica e proposição, a Retórica se revela uma ferramenta não só de análise, mas também de transformação social.

Referências

Aristóteles. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

Paro, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v.4).

Parenhoven, Fábio. **Práticas pedagógicas inclusivas: desafios para a educação no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2014.

Perelman, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Prefácio de Fábio Ulhôa Coelho; tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Rotterdam, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução de J. J. Veiga. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.